

Por uma agenda política descontaminada do fanatismo teocrático

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo:

O artigo aborda a influência das pautas religiosas moralistas no establishment político de sociedades que passam pelo processo de degradação da governança democrática e os riscos que a conversão da laicidade social em teocracia autoritária traz para a moderna dimensão republicana.

Palavras-chave: Democracia; Laicidade; Moralismo; Teocracia; Fanatismo.

For a political agenda decontaminated of theocratic fanaticism

Abstract:

The article addresses the influence of moralistic religious agendas on the political establishment of societies that go through the process of degradation of democratic governance and the risks that the conversion of social laity into authoritarian theocracy brings to the modern republican dimension.

Key words: Democracy; Laity; Moralism; Theocracy; Fanaticism.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introdução

Uma das conquistas fundamentais do desenvolvimento da Modernidade consistiu na paulatina laicização da coisa pública e suas instituições, não obstante a permanência da dimensão teológico-religiosa na vida social. A experiência da fé, ainda que influenciasse o modo de ser daquele que é adepto de uma dada crença, era instada a permanecer reservada ao plano íntimo. Essa harmonia entre as esferas é uma das bases para o fortalecimento da constitucionalidade política, pois o cidadão é avaliado por sua probidade e compromisso com o desempenho ótimo das suas atividades cotidianas e não pelo teor de sua crença. Mais ainda, preservase a dignidade daqueles que não comungam nenhuma religião, pois fazer parte de um credo não significa de maneira automática a obtenção do crivo de boa pessoa (o alardeado “cidadão de bem”). Com efeito, muitos hipócritas mascaram os seus vícios morais sob as vestes de uma religiosidade oca e fingida que é apenas uma caricatura do que consideramos virtude. Sepulcros caiados que guardam em seus interiores restos nauseabundos e que, por essa sórdida característica farisaica, não se furtam em imprecar contra tudo aquilo que não coaduna com sua métrica moral.

O processo de superação da Modernidade (não nos importa aqui o rico debate se é “líquida” ou “pós”), trouxe em seu bojo traços de reacionarismo ideológico-cultural, um elã virulento de retorno arcaizante a um ideal de vida social marcada pela influência deletéria de uma compreensão moral da existência regida por uma experimentação de religiosidade caracterizada pela erupção de elementos obscurantistas, violentos, despóticos, intolerantes, qualidades negativas que sintetizam a negação da genuína práxis

religiosa que é representada pela vivência da beatitude, pelo amor incondicional, pelo acolhimento do outro, pelo ensejo dialogante, pela solidariedade interpessoal. Em todas as eras encontraremos a oposição, no âmbito de uma mesma religião, de perspectivas que vivenciam a fé de maneira agregadora ou de maneira abrasiva ou corrosiva, conforme as respectivas inclinações ideológicas dos seus membros. Em sociedades de baixa intensidade democrática, a religião usualmente se torna um aparato normativo das classes dominantes para exercer o seu jugo sobre o tecido social, impondo uma agenda de conformidade moral acerca da miséria da vida ordinária. Mesmo que uma determinada instituição religiosa não esteja oficialmente atrelada ao Estado, sua presença massiva no seio social pode convenientemente ser instrumentalizada pela governança para adestrar camadas populares ao padrão comportamental de submissão incondicional ao establishment. Quando a canalização da fé religiosa é direcionada de modo vil para a plataforma eleitoral, os males do mundo se multiplicam.

As nossas cartas constitucionais usualmente apresentam conteúdo que progressivamente se aprimora a cada redação, ampliando o estofamento democratizante. A Constituição Federal do Brasil promulgada em 1988 garante a laicidade do Estado e a garantia plena de liberdade religiosa, de modo a contemplar de maneira irrestrita todos os credos. No entanto, como a sociedade brasileira é marcadamente herdeira do modo de produção escravista e com racismo estrutural arraigado em nossas organizações, algumas religiões são mais respeitadas do que outras, tal como a cristã, mais especificamente, a católica, enraizada em nossa formação cultural desde os tempos coloniais. Por isso

nosso calendário anual apresenta tantas datas festivas que celebram santos católicos. Todavia, trata-se de um estofo cultural que em nada prejudica nosso espírito de sociabilidade. A religiosidade não ofende ao espírito político quando se exalta a dignidade da pessoa humana, a solidariedade social, a paz, a alegria de viver, a comunhão dos povos.

A análise a seguir visa debater como o cenário político brasileiro foi apropriado pela agenda teocrática disruptiva, muito distante da religiosidade sadia, prejudicando assim o desenvolvimento da racionalidade pública comprometida com o progresso da nossa sociedade mediante o enfrentamento técnico aos seus problemas estruturais.

Eleições apocalípticas

O debate eleitoral, que deveria abordar temas substantivos para o cenário político (economia, empregabilidade, segurança pública, educação, infraestrutura), é colonizado pela direita xucra através da imposição da cartilha moralista dos costumes, fixando-se assim em uma hipócrita celebração das virtudes cristãs. Defende-se as instituições cristãs de maneira abstrata ou populista como forma de se fugir da responsabilidade governamental para com as complexidades operacionais da coisa pública. A direita xucra, adepta de um doentio moralismo seletivo, diz ser contra o aborto, contra a sexualização das crianças, contra a dita ideologia de gênero, mas releva toda ação depravada dos seus seguidores. O pecado está apenas na vida dos progressistas. Deus perdoa toda culpa dos conservadores. A oligofrenia direitista do cristianismo cretinizado acredita na existência do kit gay e da mamadeira de piroca não obstante a plena absurdidade dessas mentiras deslavadas que são obscenas de tão inverídicas. A prédica cristã pela verdade é vituperada por esse rebanho

autocentrado, a ideia de verdade só faz sentido quando lhe convém. Toda fraude, toda desinformação e toda mentira se tornam legítimas para defender a agenda teocrática do cretinismo cristão, que prefere viver sob as trevas da ignorância do que receber iluminação divina. O cretinismo cristão prefere muito mais cultuar o poder do diabo, que é enxergado em todas as circunstâncias, do que acreditar na grandeza divina. Essa chusma reacionária talvez nem mesmo leia a Bíblia Sagrada ou quando a lê estabelece interpretações distorcidas do texto sagrado para assim ratificar um modo de vida ensandecido. O cristão cretino prefere acreditar em teorias conspiratórias que sirvam de justificativa para a formação de uma cruzada moral contra o que consideram o Mal, a esquerda (saco de gato para alocar todos os que apresentam visão racionalizada e crítica acerca da realidade). Mentira acima de tudo, Mal Radical acima de todos. Para Boaventura de Sousa Santos,

O princípio da soberania popular é inaceitável à luz da transcendente e onipotente vontade de Deus, tal como é transmitida pelos líderes religiosos. Estes são responsáveis apenas perante Deus e não perante um fórum democrático. A interpretação dada aos textos sagrados tem valor absoluto porque mais do que uma interpretação é, de fato, a verdade revelada (SANTOS, 2014, p. 93).

Uma democracia substantiva solaparia a apropriação do debate político pela agenda dos costumes, pois se trata de um mecanismo tacanho para não se enfrentar os problemas estruturais do país. De que adianta a dita família tradicional brasileira ser contra o aborto e viver na miserabilidade? O que verdadeiramente deveria importar para cada cidadão é a certeza de um futuro sociopolítico mais

salutar, mediante a ampliação do pleno emprego contra toda tentativa empresarial de se fomentar o trabalho precário, educação includente, saúde pública excelente, infraestrutura social, condições sanitárias decentes, alimentação saudável na mesa. Nunca será exaustivo ressaltar isso.

A extrema-direita, fanática e fascistóide, agrega em seus quadros segmentos religiosos degenerados que atentam contra a dignidade da fé cristã ao fazer dos seus templos um espaço de histeria coletiva contra o que consideram como ameaças da democracia progressista ao seu projeto teocrático de implantação de uma sociedade disruptiva regida pela supressão das normas constitucionais. Trata-se de um sectarismo cristão nitidamente sociopata que faz da destruição e da morte sua práxis operacional. O verde-amarelo cada vez mais kitsch de nossa bandeira nacional serve de mortalha para a delinquência disruptiva de pessoas que jamais contribuíram para o engrandecimento democrático da sociedade brasileira, incluindo-se aí a malta de pastores fraudulentos que manipulam a fé popular para maior enriquecimento pessoal. Enquanto a cúpula religiosa mora em mansões que não foram conquistadas pelo trabalho pessoal, o pobre espoliado por sua ignorância vive em condições miseráveis e considera tal situação como decorrente da vontade divina. Nessa argumentação teológica distorcida, se o pobre não obteve sucesso na vida é em decorrência de sua falta de fé na superação de suas próprias dificuldades pessoais. Temos aqui a culpabilização do fracasso. A solução é rezar mais, trabalhar mais e doar mais. A narrativa monetarista da teologia da prosperidade espolia o fiel comum para enriquecer a conta bancária do pastor-especulador da fé.

Os segmentos mais agressivos dessa agenda cristã reacionária não se envergonham em despejar as mentiras mais escabrosas para manipular a consciência fértil do seu rebanho em nome do grande projeto disruptivo de erosão social, daí a crença autoritária de que um governante mitificado como o salvador da nação de Deus, o presidente-messiânico plenipotenciário deve agir sem qualquer freio constitucional, em uma fascista confusão proposital entre a vontade individual e a máquina estatal, sempre ao dispor para instaurar a barbárie na sociedade civil. Vemos o florescimento acentuado do orgulho criminoso em se destruir nossas instituições em favor de uma guerra civil que tanto beneficiará a indústria bélica e seu lobby armamentista. Talvez esse eloquente segmento cristão anseie pela concretização do fim dos tempos, e nada melhor do que guerras, pandemia, destruição e dor para acelerar esse evento escatológico. O Cristianismo genuíno, celebrador da imanência imediata da vida eterna ao alcance de todos, se converte em defesa da morte em vida na configuração cretina que lhe é forjada pela moralidade tóxica do fanatismo oligofrênico. Há uma similaridade entre necrofilia e agressividade fundamentalista que está inoculada na vida militarizada do cristão cretinizado.

O ressentimento é uma das disposições corrosivas constituintes desse fanatismo acanhado, pois representa um movimento religioso-autoritário incapaz de aceitar as diferenças axiológicas e tudo faz para subjugar as divergências. Outrora o cristão-cretino sonhava com as chamas do inferno para condenar os seus desafetos, na modernidade decadente ele apela para a agressão bruta sem qualquer sentimento de embaraço. Nietzsche já apresentara de forma perspicaz um diagnóstico da moralidade sub-reptícia

do ranço cretino contra a vida bem lograda:

Não nos devemos deixar enganar: “Não julguem” [Mateus, 7,1] dizem eles, mas mandam ao inferno tudo o que lhes fica no caminho. Fazendo com que Deus julgue, eles próprios julgam; glorificando a Deus, glorificam a si mesmos; promovendo as virtudes de que são capazes – mais ainda, de que têm necessidade para ficar no topo -, dão a si mesmos a grande aparência de pelejar pela virtude, de lutar pelo predomínio da virtude (NIETZSCHE, 2007, p. 52)

A sanha irracionalista das milícias cristãs fascistóides é tão despudorada que as vestes vermelhas cardinalícias são consideradas manifestações comunistas e exortações morais completamente embasadas pela belíssima literatura neotestamentária são imputadas como campanha eleitoral em favor de candidatos comprometidos com a democracia social. Para o fiel ensandecido que ama o chorume produzido por seu ídolo messiânico-mítico, toda defesa cristã da caridade, da solidariedade e da justiça social são expressões do comunismo e, portanto, dignas de toda virulência. O cristão adepto da cartilha econômica ultraliberal atrelada ao autoritarismo institucional deseja que o padre defenda a livre-iniciativa individual, a lógica destrutiva do mercado, o empreendedorismo incondicional, o armamentismo do cidadão de bem pela defesa absoluta da propriedade privada e pela defesa da honra. Eis o paradoxo dessa fé distorcida do cristão fascistóide. Quanto mais absurdo, mais favorável para a manutenção da realidade paralela desse extrato cristão misantropo e degenerado. O terrorismo (do discurso e das armas, inclusive granadas) é a estratégia maior da horda cretina-cristã para arrebatam

o poder e assim destruir todos os seus oponentes. Em nome de Deus, pátria, família e liberdade grotescas figuras obscurantistas atentam contra as vidas de agentes públicos que realizam o seu ofício.

Se Cristo realizasse o Segundo Advento nessa conjuntura de barbárie institucionalizada, ele seria crucificado por essa horda violenta. Talvez o projeto teocrático do cristianismo fascistóide operacionalizado pelas seitas fanáticas proponha não apenas a supressão da Constituição Federal pela Bíblia, mas que essa mesma seja reescrita para maior conveniência. Todos os versículos que abordam a ideia de paz, de amor incondicional, de acolhimento interpessoal, de tolerância e de justiça serão seccionados e substituídos pelo culto cego ao ódio, aos gestos truculentos, pela dignidade da destruição e pela apologia da violência totalitária. A mulher adúltera deverá ser apedrejada até a morte, não será concedida nenhuma cura aos doentes, o estrangeiro será amaldiçoado, a água será transformada em veneno. “Armai-vos uns aos outros”. Quem ansiar pela salvação deverá pagar por ela, assim será a tônica discursiva da Bíblia Ultraliberal-Fascista. A reflexão de Espinosa é bastante atemporal:

A piedade, ó Deus imortal, e a religião consistem em mistérios absurdos e são os que condenam absolutamente a razão, os que têm aversão e rejeitam o entendimento como coisa corrompida por natureza, são esses, suprema iniquidade, que passam por possuir a luz divina. Certamente que, se eles tivessem uma centelha que fosse da luz divina, não andariam tão cheios de soberba idiota e aprenderiam a honrar a Deus e distinguir-se-iam dos outros pelo amor, da mesma forma que agora se distinguem pelo ódio. Nem perseguiriam com tanta animosidade os que não partilham

das suas opiniões; pelo contrário, sentiriam piedade deles (se é, de fato, a salvação alheia e não a própria fortuna que os preocupa). Além disso, se realmente tivessem alguma luz divina, ela se veria pela sua doutrina (ESPINOSA, 2003, p. 10).

Assim como temos a defesa ultraliberal do Estado Mínimo, podemos afirmar que existe também cada vez mais a hegemonia do Cristão Mínimo, o sujeito que, não obstante se arrogar pio seguidor da fé cristã e fazer testemunho espetaculoso das suas pretensas virtudes, apenas cumpre o básico dos mandamentos evangélicos (quando os segue, diga-se de passagem). Trata-se do cristão que julga e que condena sem saber com profundidade o mérito da questão, do cristão que defende militarismo e pena de morte, do cristão que faz uso da mentira para interesses eleitoreiros em nome da santificada pauta dos costumes, do cristão que é incapaz de perdoar e de amar o próximo, do cristão incapaz de realizar ações solidárias. Trata-se do cristão que, para justificar sua insuficiência moral, apela para a fraqueza da natureza humana e sequer confia piamente na ação da Graça Divina, que fortalece a disposição do homem para realizar o Bem. Ora, talvez o Cristão Mínimo não queira fazer o que é bom e justo, mas apenas se manter confortável em sua mediocridade existencial para justificar-se perante o mundo das suas limitações morais. O Cristão Mínimo, cretino figadal, prefere que o indivíduo viva armado do que preche de amor. A cruz deve ser revestida de projéteis, assim pensa o devoto amante das armas. A história da Cristandade é dominada por esse tipo de

cristão deficitário, não importa o local e as condições materiais.

Considerações finais

A contaminação da democracia por pautas moralistas-sectárias é um grande prejuízo para a laicidade da coisa pública. Somos modernos tecnologicamente, mas ainda atrelados aos fantasmas e restos teológicos que evocam mitos fundadores das civilizações. Qualquer religiosidade, desde que não atente contra a dignidade social, é legítima de ser vivenciada e praticada. Contudo, para o efetivo progresso da agenda política, urge que cada vez mais se estabeleçam esforços constitucionais para que os processos decisórios dos poderes institucionais sejam regidos pela vigorosa laicidade. Trata-se de uma forma soberana de se respeitar a grandeza da religião como também a grandeza da coisa pública. A promiscuidade entre ambas gera mais e mais eventos de hipocrisia governamental e paralisa as forças criativas do sistema político.

Referências

ESPINOSA, Baruch de. **Tratado Teológico-Político**. Trad. de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo: maldição ao Cristianismo / Ditirambos de Dionísio**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2014.

Recebido em 2022-10-23
Publicado em 2022-11-01